



CARTILHA DO CAMPONÊS

FRANCISCO JULIÃO

PRESIDENTE DE HONRA

DAS

LIGAS CAMPONÊSAS

A

CARTILHA

DO

CAMPONÊS

1 Depois do GUIA, do ABC e do RECADO, eu te mando, camponês, esta CARTILHA. Tenho uma boa notícia para te dar. Teu inimigo cruel — o latifúndio — não anda bem de vida. E eu te garanto que a moléstia é grave. Não há remédio para êle. Morrerá espumando de raiva como um cão danado. Ou como um leão velho que perdeu as garras. Morrerá como morreu na China, um país muito parecido com o nosso Brasil. Morrerá como foi morto em Cuba onde o grande Fidel Castro entregou a cada camponês um fuzil e disse: "Democracia é o govêrno que arma o povo". Eu fui lá e vi tudo, camponês. Em Cuba não há mais "cambão", nem "meia", nem "têrça", nem "vale", nem "barracão" e nem "capanga". Lá naquela ilha libertada ninguém arranca mais lavoura. Nem põe a casa abaixo. Nem bota o gado no roçado. Nem cobra por um quadro de terra 150 quilos de algodão. Acabou-se a "vara" que, aqui, passa da medida e ainda tem o pulo. Não há mais o "engano-do-lápis" como aqui. Eu fui lá e vi tudo direitinho. A terra, agora, é de quem trabalha e não de quem faz uso dela para escravizar. Como ainda acontece aqui. Lá o campo que era velho e triste está ficando novo e alegre. Tudo, agora, virou cooperativa. Cada camponês tem uma casa de tijolo e telha. Com a mobília novinha em fôlha. Até as imagens dos santos são novas. A mulher não dá mais à luz numa esteira ou no girau de varas. É na maternidade. O médico vive no campo. E não falta remédio. Nem escola. Nem adubo. Nem semente. E sabes, camponês, como se operou êsse milagre?

2 — Esse milagre se fêz por causa da “união” dos camponêses. Juntou-se tudo a Fidel Castro para acabar com a tirania, com a injustiça, com o latifúndio, com o capanga, com o cambão, com a meia, com a têrça, com a sardinha pôdre, com o páu-de-ara, com o travessão, com o atraso, com a miséria. A fome não leva mais o menino para o cemitério, nem a mocinha para a perdição, nem o homem maduro para a escravidão e nem o velho para a porta da igreja ou a estação de ferro com uma cuia na mão pedindo esmola pelo amor de Deus. Foi a união que acabou com tudo isso lá em Cuba. Assim também foi na China. Assim também será aqui no Brasil. Digo e repito, camponês, como disse no “GUIA” — separado, serás um pingo d’água, mas unido, serás uma cachoeira. Enquanto caminhares sozinho o teu inimigo zomba da tua fraqueza, levanta o teu fôro, põe o gaço em teu roçado, arranca a tua lavoura, derruba a tua casinha, obriga-te a dar o cambão ou te expulsa da terra, esmaga o teu direito e mata a tua liberdade.

3 — No comêço da viagem não havia câminho. Tivemos de abrir uma picada. Dura e penosa. Aqui caindo um soldado. Outro, adiante, fugindo. Mas já se pode falar, hoje, em “Reforma Agrária”. E em “Liga Camponêsa”. Antes o latifúndio não queria. A polícia proibia. A igreja tinha mêdo. E a reação berrava: “É comunismo”. Essa palavra ainda espanta muita gente. Foi usada contra a paz. E contra o petróleo. Está sendo muito gasta, agora mesmo, contra Fidel Castro e o povo de Cuba. Lembro-me bem do que me contou, há quatro anos atrás, um pobre camponês. Ele fôra à casa de uma autoridade, senhor de muitas terras, convidá-la para assistir à fundação de uma Liga. A autoridade negou-se a ir e disse: “Isso é comunismo”. O sócio da Liga quis saber que lei era aquela. E a autoridade, rico senhor de terras, deu a definição: “Comunismo é tomar o que é da gente, fazer mal à filha da gente e empatar a religião da gente”. O sócio pensou um pouco e disse para o latifundiário: “Se é assim, já está

tudo nessa lei, desde que me entendo de gente. Veja se eu tenho razão ou não. O pobre, arrenda um pedaço de terra, faz casa e barreiro, levanta cêrca, planta fruteira, leva 10, 20 ou 30 anos cuidando do sítio, pagando o fôro e dando o cambão. Muito bem. Um dia, descobre que o cambão é sobra do cativoiro. Ou não quer mais pagar o aumento do fôro porque já não agüenta. Ou reclama o salário de fome. Então, o dono da terra se zanga e bota o pobre para fóra. O pobre resiste. Vem o capanga. Vem a polícia. Vem a justiça. O pobre termina perdendo tudo. Porque não há justiça para o pobre. A lavoura é arrancada. A casa é posta abaixo. E o camponês é ameaçado de ir para a cadeia. Quando não é assassinado. Perde o trabalho, o suor, o socêgo ou a vida. Será essa a lei do comunismo? Se é, já estamos nela, desde que me entendo de gente. E é contra essa lei que o camponês se junta ao seu irmão e vai para a "Liga". Vamos a outro fato. O pobre tem uma filha jeitosa. O rico se engrança dela. Devora a infeliz. Bota na perdição. Não casa porque êle é rico e ela, pobre. Se o pai vai à autoridade pedir justiça, é logo expulso da terra. E no fim perde sempre. Porque perde o socêgo e perde a filha. Ninguém aparece pra dar jeito. O processo, se há processo, vai parar no arquivo. E a mocinha na ponta da rua. Se essa é a lei do comunismo, a "Liga" está contra essa lei. Vamos ver, agora, o caso da religião. Um crente mora na terra de um católico. Basta o crente dizer ao católico que não dá mais o cambão para o católico dizer ao crente: "Não quero mais "bóde" em minha terra". Daí por diante a coisa mais fácil é empatar o culto do crente. Também pode acontecer o contrário. O crente, como dono da terra, dizer para o católico: "Aqui não quero quem adora imagem de pau". Deixe o sítio para um irmão de minha crença. É só o católico sustentar que não quer dar o cambão. Se essa lei é a do comunismo, a "Liga" está contra ela, porque não separa o católico do crente. Ambos são irmãos". Assim me falou o camponês que foi convidar o

latifundiário para assistir à fundação de uma Liga. Isso faz quatro anos.

4 — Agora o caminho se alarga. Aqui em Pernambuco já ganhámos a batalha do engenho “Galiléia”. Foi trabalho da Liga. Foi fruto da união. A Liga cresce. Por todo o Brasil só se fala na Liga. E até fora do Brasil. Quando a Liga nasceu cabia dentro de uma casa-de-farinha. Era uma candeia. Hoje é uma estrela. Era uma gota d’água. Hoje é um rio. Era uma árvore. Hoje é uma floresta. A estrela é o guia da vitória. O rio, o caminho da liberdade. A floresta é o abrigo da paz. Onde a Liga finca a sua bandeira, nasce a esperança e morre o medo. Aquêles que tinham sede de sangue por causa do ódio passa a sentir fome de terra. É a fome de terra e não a sede de sangue que faz a Liga crescer. E ficar respeitada. Crescendo a Liga, o latifúndio perde a força. E a “Reforma Agrária” toma corpo. Ela já está na cabeça de todo mundo. Tu dormes pensando nela, camponês. E o latifúndio também. Tu sabes que ela virá, mais cedo, se te unires sem demora ao teu irmão. O latifundiário também sabe que ela chegará como chegou na China, como chegou em Cuba. O melhor é que venha sem sangue. Com o sino das igrejas badalando de alegria. Com uma chuva de flôres maior do que aquela que o povo jogou sobre os deputados quando aprovaram a lei acabando com a escravidão negra no Brasil.

5 — A “Reforma Agrária” pode vir com o voto. Mas é preciso que êsse voto não seja dado somente por quem sabe ler. O analfabeto também deve votar. No Brasil, quase todo camponês é analfabeto. Mais de vinte milhões não votam porque não sabem lêr. No entanto pagam impôsto. E carregam o País nas costas. A tua luta, camponês, deve ser nesse sentido. Fica certo de que no dia em que o analfabeto votar neste País a escravidão da terra se acabará. O latifundiário perderá o esporão. E ficará manso como um capão gordo. Porque? Porque sendo o camponês sem terra a imensa maioria que não sabe lêr, essa

maioria só votará nos candidatos que irão lutar pela reforma agrária. Tu sabes, camponês, que já existe no Congresso uma emenda à Constituição em favor do voto do analfabeto? Sabes que se ficares de braços cruzados, essa emenda não será nunca aprovada? Sabes que há um homem, candidato à Presidência da República, favorável ao voto do analfabeto? Sabes que esse homem é o Marechal Henrique Teixeira Lott? Sabes que é um homem sério, que inspira confiança, que merece fé, que nunca mentiu, nem enganou ninguém? É um passo importante eleger esse homem para alcançar o voto do analfabeto. Vai por toda parte, camponês, convencer o teu irmão, o teu amigo, o teu compadre, que tenha título de eleitor a votar nesse candidato. Ele não esconde a grande tristeza que sente no seu coração de patriota porque ainda não se fez a "Reforma Agrária" no Brasil. Ele sabe que este País nunca será uma Nação completa enquanto houver um camponês expulso da terra alheia, esfolado pelo agiota que só empresta cem por duzentos, sem terra, sem adubo, sem semente, sem instrumento agrário, sem assistência financeira, nem técnica, nem garantia de preço para o seu produto. Esse homem de quem te falo, o Marechal Lott, diz isso abertamente. O mais importante é que ele fala de coração. Diz isso porque sente. Medindo as palavras. Pesando uma por uma. Incapaz de enganar.

6 — Mas, enquanto não chega o voto para o analfabeto e não se faz a reforma agrária, tu não hás de ficar de braços cruzados. Já não acontece o milagre como no tempo de Moisés, que tocava na rocha e a água nascia, ou no tempo de Jesus, que de um pão e de um peixe fazia muitos pães e muitos peixes. Cada um de nós tem, hoje, de ganhar com o suor do próprio rosto o pão de cada dia. Assim manda a Escritura que pouca gente segue. Se não há mais milagre porque Moisés se foi e, depois dêle, o Cristo, tu podes, camponês, mesmo crucificado à terra como um escravo, alcançar tudo o

que quiseses, sem depender de milagre. Podes conquistar a liberdade, ter o pão com fartura, viver bem agasalhado e na boa paz, se conseguires unir os teus irmãos sem terra. Nenhuma palavra tem mais fôrça do que esta — União. Ela é a mãe da Liberdade. Aprende a defender o teu direito junto com o teu irmão sem terra. Nunca fiques sozinho. Vai sempre com êle à casa da Justiça já que é junto dêle que tu te encontras na igreja, na festa, no entêrro, na feira e no trabalho. Lembra-te de que se êle, hoje, é perseguido e não conta com a tua ajuda, amanhã, quando tu caíres na desgraça, sob o ódio do latifúndio, não podes também contar com a ajuda dêle. Isso foi sempre a tua perdição. Para te separar o latifundiário usa a violência, a astúcia e o dinheiro. Começa com a violência. Arma para isso o capanga. Bota a polícia na tua porta. E por fim a justiça. É sempre melhor lidar com a justiça. Vez por outra aparece um Juiz que se rebela contra o latifundiário, mesmo sendo filho, genro ou amigo de dono de terra. E abranda o rigôr da lei, porque já vê na pobreza uma injustiça. Não se pode esperar muito da justiça quando ela diz que não há outro caminho senão cumprir a lei. E' que o juiz aceita sempre o que já está escrito. Não se rebela. Descansa a consciência sôbre a lei. E disso vive. Qual é o caminho? É mudar a lei. E como mudar a lei? Com a união de todos. Com o movimento de massa. Com a pressão. Por isso existe a Liga. Para isso deve haver a União. Se a violência do capanga e o apêrto da polícia não te vencerem, já que tens uma gota de luz na consciência e estás pronto a morrer pela tua liberdade, o latifúndio vale-se do nome de Deus. Como? Eu te explico. O latifúndio diz assim: "Deus castiga aquêle que se rebela contra Êle. Se um é rico e o outro é pobre, se um tem terra e o outro não tem, se um deve botar a enxada nas costas para dar o "cambão" e o outro se mantém ou enriquece com o fruto dêsse cambão, se um mora no pala-

cete e o outro no mocambo, é porque Deus quer. Quem se rebelar contra isso está contra Deus. Sofre os castigos do céu: peste, guerra e fome. E quando morre vai para o inferno. O pobre deve ser pobre para que o rico seja rico. O mundo sempre foi assim. E há de ser sempre assim. E' Deus quem quer". Assim fala o latifundiário, camponês. Usa o nome de Deus para te fazer medo. Porque tu crês em Deus. Mas êsse Deus do latifundiário não é o teu Deus. O teu Deus é manso como um cordeiro. Chama-se Jesus Cristo. Nasceu numa mangedoura. Viveu entre os pobres. Cercou-se de pescadores, camponeses, operários e mendigos.. Queria a libertação de todos êles. Dizia que a terra devia ser de quem trabalha. E que o fruto era comum. Suas são essas palavras: "É mais fácil um camelo passar num fundo de agulha do que um rico se salvar". Porque disse essas e outras coisas, foi crucificado pelos latifundiários do seu tempo. Hoje, seria fuzilado. Se não fôsse medido em um asilo de loucos. Ou prêso como comunista. Escuta bem o que te digo, camponês. Se um padre ou um pastor falar em nome de um Deus que ameça o povo com peste, guerra e fome, raios, coriscos e trovões e ainda com o fogo do inferno, fica sabendo que êsse padre ou êsse pastor é um espolêta do latifúndio. Não é um ministro de Deus. Êsse padre é falso. Êsse pastor não presta. O padre verdadeiro ou o bom pastor é aquêle que se levanta para dizer: "Deus fêz a terra para todos, mas os sabidos tomaram conta dela. Ganharás o pão com o suor do teu rosto, e não com o suor do rosto alheio. Ninguém deve ser escravo de ninguém. Nem um povo. Nem um homem de outro homem. Porque todos são iguais perante a lei. E perante a natureza. E perante Deus. Se isso é comunismo, então Deus é comunista. Porque é o que está na Escritura Sagrada. E na bôca de Cristo. E na de todos os seus apóstolos".

7 — Já é tempo, camponês, de aprenderes a usar a união contra o teu inimigo cruel que é o latifúndio. Segue a lição do

operário. Do estudante. Como é que o operário vence o patrão? E o estudante defende a liberdade? É com a arma da greve. A greve é a união de todos. Tem a força da correnteza d'água. E o rumor da cachoeira. O operário vai para a fábrica e conquista melhor salário. O estudante fecha a escola e vai para a rua gritar pela liberdade, pela paz, pelo petróleo, pelo ensino gratuito. Usa a greve como arma. Eu te explico. Há muitas formas de greve que o campo pode fazer. Um exemplo: um camponês tem a sua casa derrubada e a sua lavoura arrancada pelo latifundiário. Como proceder? É simples. Todos os camponeses devem juntar-se. Cem, duzentos, mil, três mil. E marchar para a cidade. Levando os destroços da casa. E a lavoura arrancada. Vão ao prefeito. Ao padre. Ao juiz. Ao promotor. Ao delegado. A todos clamarão juntos por justiça. E a justiça se fará. Por quê? Porque são muitos a pedir. Um só poderá ir para a cadeia. Dez poderão não ser ouvidos. Mas cem já serão. E mil ainda mais depressa. O delegado fica manso, o Juiz, uma sêda. O padre vem receber. O prefeito se derrete. E o promotor nem se fala. Não é preciso usar a foice. Nem o ôlho da enxada. A massa é quem faz a lei. Povo unido é quem manda. Vamos mostrar outro exemplo. Um delegado mete na cadeia um camponês, porque foi intimado a deixar o sitiosinho e não quer obedecer. A Liga, então, se reúne e avisa a todo mundo que ninguém vai mais à feira na cidade ou povoado onde a autoridade manda. A Liga faz os piquetes e põe em cada caminho, a fim de barrar o passo do camponês que tentar romper o cordão da greve. Vai uma comissão falar com as autoridades e explicar a razão porque não se faz a feira. O resultado eu te digo, camponês. Antes do novo dia da feira o delegado é mudado. E a Liga fica mais forte. E o camponês respeitado. Sem derramar uma gota de sangue de um só cristão. Aprende a usar essa arma poderosa que tem o nome de greve. O operário já usa. O estudante também. E a nossa Constituição, que é

chamada Lei Maior, assegura esse direito sem separar estudante de operário ou camponês, porque a própria Constituição já diz em um dos seus artigos: "Todos são iguais perante a lei". E a Constituição o que é? É a lei que nasce do povo. E o camponês é o povo. Como é o operário. Como é o estudante.

8 — Não quero findar esta Cartilha, camponêsa, sem um grito em favor dêste teu outro irmão, mais desgraçado do que tu que és rendeiro, meeiro, parceiro ou posseiro. Falo do condiceiro, do eiteiro, do cassaco, do tucuqueiro, do assalariado agrícola. É êle quem suporta todo o pêso da canga. Trabalha de domingo a domingo. Usa farrapos. Sua casa tem a coberta de capim ou de palha. A parede dos lados é de barro. Nem há frente nem fundo. Não há porta. A mesa é o chão. A cama é de vâras. Não junta um cruzeiro porque não sobra nada. Quando canta o seu canto é magoado. No eito. Na palha da cana. No engenho. Na plantação de fumo, de mate, de arroz, de cacau, ou de café. No seringal. Como o canto do escravo. Se adocece, morre à míngua, antes do tempo. E se chega à velhice vira mendigo. De cuia na mão. De mochila vazia. A mão está cheia de moedas de ouro. São os calos do cabo da enxada. Entra govêrno e sai govêrno, foi-se a Colônia, caiu o Império, veio a República, melhorando a sorte de todos e piorando a dêle. Até agora só conhece como companheiras a Fome, a Miséria, a Nudez, a Escravidão e a Morte. A Pátria é para êle um imenso "eito" onde geme como o escravo que Nabuco tudo fêz para libertar. Entre êle e a liberdade que é o seu sonho há um dragão — o latifúndio. Esse dragão mata a fome com a sua carne e a sêde com o seu sangue. Para êle nada existe. Nem agasalho. Nem pão. Nem remédio. Nem escola. Nem alegria. Nem paz. Nada. Ninguém escuta o seu gemido de dor. A Igreja cruza os braços, abafa a voz e prega a resignação. Como no tempo da escravidão. Se um padre clama em seu favor, é punido. Se é um leigo, é comunista. Assim foi no tempo

da Colônia e do Império, quando a Igreja se omitiu, porque tinha terras e mantinha escravos. Quem diz isso não sou eu. É Joaquim Nabuco, que nasceu católico e morreu católico. E que tem feito o Protestante? E o Espírita? E o Ateu? Briga o Protestante com o Católico e o Espírita com o Ateu. E enquanto brigam, o braço do camponês fica mais fraco, a enxada mais pesada, a fome cresce e a liberdade murcha. De onde concluo que não adianta ser Católico ou Protestante, Espírita ou Ateu, seguir essa ou aquela religião, adorar Deus ou negá-lo, se cada um de nós só cuida de melhorar a própria vida esmagando a dos outros. Não adianta ser Padre ou Pastor para ficar dentro da Igreja, fazendo sermão ou no Templo lendo versículos da Bíblia. E muito menos Espírita para convocar os mortos e Ateu só para negar a existência de Deus. Tudo isso não vale nada se há milhões de camponeses tratados como bête-de-carga pelos que têm oratórios em casa, vão à missa, ao culto protestante e ao centro espírita em busca de perfeição para a sua alma. Ou o Padre se rebela contra a miséria do camponês e entra na luta para libertá-lo, ou tudo quanto êle prega não merece fé. Ou o Pastor sai a campo para lutar por um pedaço de terra e um salário justo para o irmão do campo, ou a Bíblia Sagrada queima a sua consciência como as pedras queimaram as mãos dos que tinham culpa. Ou o Espírita se junta ao Ateu para salvar da fome, da degradação e da miséria, o camponês sem terra, neste País de tanta terra, ou não adianta convocar os mortos e muito menos negar Deus. Tudo é em vão, se nada se faz, não só em palavras, não só em hinos sacros e cânticos religiosos, mas em atos e ação corajosa, para libertar êsse escravo, êsse pobre irmão nosso, o camponês humilde e bom, das garras do dragão — o LATIFÚNDIO. Sua desgraça deveria envergonhar não só o Padre, não só o Pastor, não só o Espírita, não só o Ateu, mas o homem que possui a terra, que vive do comércio, que domina a indústria, que governa, e também o médico, o

juiz, o promotor, o advogado, o engenheiro, o estudante, o operário, a dona de casa, o professor, o jornalista, o militar, o servidor público, numa palavra, a Nação inteira. Porque é o camponês quem nos alimenta e quem nos veste, recebendo, como trôco, a sujeição do escravo, a infâmia do cambão, o trabuco do capanga, o facão do soldado, a casa destelhada, a lavoura destruída, o filho sem escola, sem remédio e sem comida, o páu-de-arara, o chão do hospital, a velhice sem amparo, e por último, a vala comum do cemitério onde só chegam os ossos enrolados na pele torturada. Eis tudo quanto resta de ti, infeliz eiteiro, furtado no barracão, na medição da conta, no salário de fome, nas horas de trabalho, seja no norte ou no sul, na beira do mar ou nos confins de Mato Grosso, por todo êsse imenso Brasil que tu cavas com a tua enxada e regas com o teu suor e o teu pranto de escravo.

9 Para o meeiro, o foreiro, o parceiro e o posseiro, como para o pequeno proprietário, existe a Liga. E para o eiteiro, o tucuqueiro, o cassaco-de-linha, o camponês que aluga o seu braço, que vive, somente do salário, na usina, no arrozal, na zona do fumo, do cacau, da borracha, do café e do mate? O caminho é o Sindicato. Mas quem pode falar em Sindicato Rural neste país? Quantos há? O que fazem? Como vão? Tudo existe apenas no papel. Na vontade de uns. Na esperança de outros. O latifúndio odeia o sindicato como espuma de raiva contra a Liga. Quando se funda um a Polícia fica de olho. A carteira ministerial devia ser a carta de alforria para o camponês que aluga o braço. Mas ainda não é. O senhor da terra pode ter a sua sociedade. O operário, o seu sindicato. O industrial, o seu centro. O estudante tam-

bém. E o funcionário público. Todos podem unir-se e defender-se. O camponês, não. Nem Liga, nem Sindicato. Porque no dia em que cada camponês estiver na sua Liga e no seu Sindicato este país muda de rumo. O latifúndio se acaba. E surge uma nova vida. Como surgiu na China, que se parece tanto com o Brasil. Como acaba de surgir em Cuba, com Fidel Castro comandando a batalha pela reforma agrária. Há um homem que, há muitos anos, rompeu o silêncio que pesava sobre o camponês. E falou em Sindicato. E deu os primeiros passos. Esse homem foi Vargas. Quando se preparava para dar o salto decisivo foi abatido. Todo o peso da sua memória caiu sobre outro homem. Esse outro homem chama-se Jango. Não podendo carregá-la sozinho, dividiu com outro companheiro a tarefa. Esse outro companheiro tem o nome de LOTT. Mesmo juntos, os dois, sozinhos, não conseguirão libertar o camponês do latifúndio. Nem o Brasil do entreguismo. Um tem a carta de Vargas. O outro, a espada de Floriano. A carta é o caminho. A espada é a liberdade. Foi assim em 55. Assim será em 60. Mas sem a união dos camponeses há o risco de se perder a carta e se partir a espada. Com a carta e com a espada a viagem é mais curta. Ao lado do operário. Do estudante. Do intelectual. Da dona-de-casa. Do candango. Do nacionalista. De Brasília. De Três Marias. De Furnas. De Paulo Afonso. De Volta Redonda. Da Petrobrás. Levando muitas bandeiras gloriosas. Uma nas mãos dos trabalhistas com o rosto de Vargas sorrindo para o Povo. Outra nas mãos dos pessedistas com o dedo de Juscelino mostrando Brasília. Outra nas mãos dos socialistas com o velho João Mangabeira

pregando a liberdade. Outra nas mãos dos comunistas com Prestes olhando tranqüilo para o futuro. Outra com os nacionalistas de Bento Gonçalves e essa legenda: "Não há mais lugar no Brasil para o entreguismo".

E à frente de tôda essa imensa coluna LOTT e JANGO. LOTT com a espada de ouro. JANGO com a carta de Vargas. A carta ensinando o caminho. E a espada garantindo a liberdade. Camponês, vamos embora. O dia já amanhece. O Sol é teu. Para o latifúndio anoitece. Que a escuridão seja eterna para o latifúndio. E para ti, camponês, o Sol da liberdade seja eterno.

Camponês, vamos embora. O dia já vem raiando!

HINO DO CAMPONÊS

Companheiros, irmãos de sofrimento,
Nosso canto de dôr sobe da terra
É a semente fecunda que o vento
Espalha pelo campo e pela serra

Estrilho:

A bandeira que adoramos
Não pode ser manchada
Com o sangue de uma raça
Presa ao cabo da enxada

Não queremos viver na escravidão
Nem deixar o campo onde nascemos
Pela terra, pela paz e pelo pão
Companheiros, unidos, venceremos.

Estrilho:

A bandeira...

Hoje somos milhões de oprimidos
Sob o pêso terrível do cambão
Lutando nós seremos redimidos:
A REFORMA AGRÁRIA é a salvação.

Estrilho:

A bandeira...

Nossas mãos tem calos de verdade
Atestando o trabalho honrado e duro
Nossas mãos procuram a liberdade
E a glória do Brasil para o futuro.

Estrilho:

A bandeira...

FRANCISCO JULIÃO

Setembro, 1960
Recife

(Handwritten signatures and notes)
Francisco Julião
ms 5809
Francisco Julião
Setembro 1960